

Beth O'Leary

autora de

APARTAMENTO
partilha-se



«Beth O'Leary possui o talento raro de nos fazer rir,
derreter, chorar e sofrer, tudo no mesmo livro.»

EMILY HENRY, autora bestseller internacional

TOP
SEL
LER

*Para os meus leitores.
Prezo cada um de vós.*

DEZEMBRO DE 2021

Querido Lucas,

Tenho uma confissão a fazer e estou um pouco nervosa, por isso é que a vais receber no teu postal de Natal. (Feliz Natal, já agora.)

Sempre que nos cruzamos no hotel, acontece algo estranho. Fico com calor. Fico nervosa. Digo coisas esquisitas como «Bom amanhã!», esqueço-me do assunto sobre o qual estou a falar com um hóspede e olho para ti em vez de olhar para qualquer acrescento à ementa do Barty do qual o Arjun decide discordar hoje.

Normalmente, não sou o tipo de pessoa que se apaixona. Sou mais do tipo que sente as coisas gradualmente, de forma quente e aconchegante. E não perco a cabeça por um homem – nunca perdi. Mas, quando olho para ti, fico toda... atrapalhada.

E, quando olhas para mim, pergunto-me se sentirás o mesmo. Tenho estado à espera de que digas alguma coisa, a sério. Mas a minha amiga Jem disse que talvez penses que não estou disponível, ou não gostes de partilhar o que sentes, ou que talvez eu precise de ganhar coragem e dar o primeiro passo.

Por isso, aqui estou. A pôr o meu coração quente e acolhedor em jogo para dizer: gosto de ti. Muito.

Se sentes o mesmo, encontra-te comigo debaixo do azevinho às oito da noite. Serei a que está de vestido cor-de-rosa. E também aquela que é a Jzzy, a rececionista. Não sei porque é que disse aquilo do vestido cor-de-rosa.

Vou parar de escrever agora porque... fiquei sem espaço. E dignidade. Vemo-nos às oito?

Beijinhos,

Jzzy

Querida Izzy,

Feliz Natal e próspero Ano Novo.

Abrços,

Lucas

NOVEMBRO DE 2022

Izzy

Se o Lucas está a fazer alguma coisa, eu também tenho de a fazer, mas melhor. Em geral, isto tem sido muito bom para a minha carreira no último ano, mas significa que, neste momento, estou a lutar com um ramo de abeto que mede pelo menos o dobro da minha altura e o quádruplo da minha largura.

— Precisas de ajuda? — pergunta o Lucas.

— É claro que não. Tu precisas?

Balanço o ramo para a posição correta e, por pouco, evito esmagar um dos muitos vasos espalhados pelo átrio. Estou sempre a desviar-me dessas coisas. Tal como grande parte do mobiliário do Forest Manor Hotel & Spa, os vasos pertencem à família Bartholomew, dona da propriedade. Morris Bartholomew (Barty) e a mulher, Uma Singh-Bartholomew (Sra. SB), transformaram a grande casa num hotel e reaproveitaram o maior número possível de móveis antigos da família. Sou a favor da reciclagem — é muito a minha onda —, mas alguns destes vasos parecem urnas. Não consigo deixar de pensar que um deles pode conter um velho Bartholomew.

— Isso é extravagante? — pergunta-me o Lucas, parando para examinar o meu ramo de abeto.

Estou a atá-lo ao fundo do meu lado da escada. A escadaria do Forest Manor é famosa — é uma daquelas escadarias lindas que se dividem em duas a meio do caminho e que nos convidam a descer lentamente com um vestido de noiva ou talvez a posicionar os nossos filhos em cada degrau para uma adorável fotografia ao estilo família von Trapp.

— E isso, é? — pergunto eu, apontando para a árvore envasada que o Lucas trouxe do jardim e colocou ao fundo do *seu* lado da escadaria.

— Sim — responde, com absoluta confiança. — É uma oliveira. As oliveiras são muito extravagantes.

Estamos a decorar o átrio para o casamento de amanhã — o tema da noiva é «extravagância de inverno». Eu e o Lucas decidimos que a assimetria é extravagante, por isso cada um de nós vai fazer um lado da escadaria. O problema é que se o Lucas faz uma coisa em grande, eu tenho de fazer uma ainda maior, logo, grande parte do jardim está agora no átrio.

— Também são mediterrânicas.

O Lucas olha para mim com um ar de quem diz: *Onde queres chegar?*

— Estamos em New Forest. É novembro.

O Lucas franze o sobrolho. Eu desisto.

— E que achas das minhas luzes prateadas? — questiono, apontando para as pequenas luzes cintilantes entrelaçadas na vegetação que agora sobe pelo meu corrimão. — Achas que também precisamos de algumas do teu lado?

— Não. São foleiras.

Semicerro os olhos. O Lucas acha tudo em mim foleiro. Odeia as minhas madeixas, as minhas sapatilhas cor-de-rosa, o meu gosto por dramas adolescentes sobrenaturais. Não percebe que a vida é demasiado curta para regras sobre o que é fixe e o que não é fixe. A vida é para ser vivida. Em alta-definição. E com sapatilhas rosa-bebé.

— São giras e cintilantes!

— São muito brilhantes. Como pequenos punhais. Não.

Descruza os braços e põe as mãos nas ancas. O Lucas gosta de ocupar o máximo de espaço possível. Deve ser por isso que está sempre no ginásio, para poder reclamar mais um centímetro do meu espaço aéreo com os seus ombros cada vez mais largos e os seus bíceps salientes.

Respiro fundo para me acalmar. Quando este casamento acabar, eu e o Lucas podemos voltar a alternar os turnos sempre que possível. Hoje em dia, as coisas não correm bem se estivermos juntos na

recepção durante muito tempo. A Sra. SB diz que «parece que não cria o ambiente certo». O Arjun, o *chef*, diz que «quando a Izzy e o Lucas estão a fazer um turno ao mesmo tempo, o hotel é tão acolhedor como a casa da minha avó», e eu já conheci a avó do Arjun, por isso posso dizer com confiança que foi um comentário muito indelicado.

Mas eu e o Lucas somos os funcionários mais experientes da recepção do hotel, e somos nós que tratamos dos casamentos, o que significa que, nos próximos dois dias, vou ter de o aturar.

— Vem até ao patamar — grita o Lucas. — Vê o que eu estou a ver.

Ele é sempre tão *autoritário*. Quando o conheci, achei que o seu sotaque brasileiro era muito sexy — perdoei a sua rudeza, considerei que era um problema de tradução e decidi que ele tinha boas intenções, as coisas apenas não lhe saíam bem. Mas, com o tempo, apercebi-me de que o Lucas tem um excelente domínio do inglês — é mesmo só um idiota.

Subo até ao patamar central, onde a escadaria se divide em duas, e fico a observar tudo. O nosso átrio é enorme, com uma gigantesca recepção de madeira ao longo do lado esquerdo e chaves antiquadas penduradas na parede atrás dela. Há um tapete circular gasto sobre os azulejos castanhos e cremes originais e uma área de assentos macios junto às janelas altas que dão para o relvado. É lindo. E, nos últimos oito anos, tornou-se uma casa para mim — talvez ainda mais do que o pequeno apartamento em tons pastel que arrendo em Fordingbridge.

— Este é um hotel com classe — diz o Lucas. — As luzes parecem baratas.

E *foram* baratas. O que é que ele esperava? O nosso orçamento é — como sempre — inexistente.

— Este é um hotel *familiar* — digo ao mesmo tempo que a família Hedgers entra no átrio, mesmo na altura certa. Entre eles, três crianças, todas de mãos dadas, o mais pequeno de fato para a neve com os dedos rechonchudos enfiados nos da irmã.

— Uau! — exclama o mais velho, parando para olhar para o meu corrimão cintilante. O mais novo quase cai, mas a irmã puxa-o para cima. — Isso é muito fixe!

Esboço o meu sorriso mais presunçoso na direção do Lucas. Ele continua a fazer cara feia. As crianças parecem um pouco desconcertadas e, depois, intrigadas.

Já tinha reparado neste fenómeno antes. O Lucas *devia* ser terrível com crianças — é enorme e carrancudo e não sabe como falar com elas. Mas parecem sempre achá-lo fascinante. No outro dia, ouvi-o cumprimentar a Hedgers do Meio (nome verdadeiro: Ruby Hedgers, 6 anos, os passatempos favoritos incluem artes marciais, póneis e trepar a coisas que não são seguras) com um: «Bom dia, como é que dormiste? Espero que bem.» É exatamente o que ele diz aos hóspedes adultos, no mesmo tom. Mas a Ruby adorou. «Dormi a noite *toda*», respondeu-lhe ela, com grande importância. «Quando eram sete horas no meu relógio, levantei-me e fiquei ao pé da cama da mamã e do papá até eles também acordarem, e o papá não sabia que eu estava lá, por isso gritou, e foi *tão* engraçado.» Ao que o Lucas acenou com a cabeça, muito sério, e respondeu: «Parece uma maneira horrível de ser acordado», e a Ruby desatou a rir.

Bizarro.

— As crianças gostam das luzes — digo ao Lucas, abrindo as mãos.

— As crianças também gostam de sapatos com rodas e de gomas *Haribo*, e comem os gelados do Arjun até ficarem doentes — declara o Lucas. — Não se pode confiar nelas.

Olho de relance para os Hedgers adultos para me certificar de que não se ofenderam com os comentários do Lucas, mas eles estão a levar os miúdos para o quarto e não parecem ter ouvido. Estão no Sweet Pea, porque a Sra. Hedgers anda de cadeira de rodas — os elevadores estão avariados há mais de um mês e tem sido um pesadelo com apenas cinco quartos no andar de baixo.

— Não quero luzes do meu lado. Também devíamos tirar essas.

— Oh, meu Deus! Não podes chegar a um compromisso e dizer: «Está bem, vamos usar luzes, mas com mais moderação» ou algo do género?

— Fazem-me mal aos olhos. É um não.

— Quando se trabalha com alguém, não se pode simplesmente dizer que «é um não» e deixar o assunto ficar por aí.

— Porque não?

— Tens de encontrar um meio-termo.

— Porquê?

— Porque sim! É razoável!

— Ah. Razoável como reorganizar constantemente o material de escritório durante o teu turno para que eu nunca consiga encontrar as coisas?

— Não é por isso que o faço. Faço-o porque a tua maneira é...

— Razoável?

— Uma porcaria! — respondo, olhando de relance para o Sweet Pea para me certificar de que a porta se fechou atrás dos filhos dos Hedgers.

— A tua maneira é uma porcaria. A gaveta fica sempre encravada porque pões o furador de lado, e os *post-its* deviam estar à frente porque estamos sempre a usá-los, mas estão lá no fundo, atrás dos cartões de cumprimentos que nunca usamos, por isso desculpa-me por te poupar tempo!

— É razoável renumerar os quartos sem me avisar?

— Isso foi ideia da Sra. SB! Eu estava apenas a cumprir ordens!

— Ela ordenou-te que não me dissesses nada?

Agora estamos virados um para o outro e, de alguma forma, estou também com as mãos nas ancas, uma postura que só adoto quando finjo ser um super-herói (algo que se faz com uma frequência surpreendente quando se trabalha num hotel para famílias).

— Esqueci-me. Sou um ser humano. Processa-me.

— Não te esqueceste de dizer à Pobre Mandy.

A Mandy é o outro membro permanente da equipa da frente de sala. Ela não é realmente pobre no sentido financeiro — apenas ficou conhecida como Pobre Mandy aqui no Forest Manor Hotel & Spa porque está sempre entre mim e o Lucas quando estamos a discutir sobre alguma coisa. A Pobre Mandy não se importa com a forma como a gaveta do material de escritório está arrumada. Ela só quer um pouco de paz e sossego.

— Bem, a Pobre Mandy não me disse especificamente para nunca lhe enviar mensagens fora do horário de trabalho, portanto, é provável que lhe tenha enviado uma mensagem pelo WhatsApp sobre isso.

— Eu não disse para não me enviases mensagens fora do horário de trabalho. Só disse que *bombardear-me* com a administração do hotel às onze da noite de um domingo não é...

— Razoável — concluo, com os dentes cerrados. — Certo, claro. Bem, se estás tão interessado no *razoável*, vamos ficar com os corrimões razoáveis e sem luzes e vamos organizar um casamento razoavelmente bom e o Barty e a Sra. SB vão tomar a decisão razoável de fechar o hotel porque já não é viável. É isso que queres?

— Achas que podes salvar o Forest Manor Hotel & Spa com grandes quantidades de luzes cintilantes?

— Sim! — grito. — Não! Quero dizer, não se trata das decorações em si, trata-se de ir mais além. O Forest Manor é perfeito para esta altura do ano e, se este casamento correr bem, todos os convidados se irão embora a pensar que o hotel é lindo e que deviam fazer aqui umas miniférias ou uma festa de noivado, o que significa que estamos um pouco mais perto de nos mantermos à tona em 2023.

— Izzy, o hotel não pode ser salvo por umas quantas miniférias ou festas de noivado. Precisamos de investimento.

Não respondo a isto. Não é por concordar com ele ou por — Deus me livre — estar a deixar o Lucas ter a última palavra. É porque o teto acabou de cair sobre as nossas cabeças.

Lucas

Num momento, a Izzy está a olhar para mim, feroz e agressiva, com as mãos nas ancas, e, no momento seguinte, está em cima de mim, pequena e macia e a cheirar a açúcar e canela, com metade do teto em cima de si.

Não percebo como é que passámos de A para B.

— Oh, meu Deus — diz a Izzy, rolando de cima de mim numa nuvem de gesso. — Acabei de te salvar a vida?

— Não — replico. É melhor responder que não quando a Izzy nos faz uma pergunta. — O quê?

— O teto caiu — afirma, apontando para cima. Útil, como sempre. — E eu atirei-me para cima de ti para te salvar.

Deito-me ao lado dela. Estamos deitados de costas no patamar. Acima de nós, o teto abre-se. Consigo ver os velhos candeeiros de parede no corredor do primeiro andar.

Isto não é bom.

Viro a cabeça para olhar para a Izzy. As bochechas dela estão coradas e o seu cabelo com madeixas cor-de-rosa está todo despenteado, mas ela parece ilesa. Há um pedaço de gesso atrás da sua cabeça, suficientemente grande para ter matado um de nós. De repente, sinto-me muito frio.

— Obrigado, então, acho eu — digo.

A sua expressão desvanece-se e ela levanta-se, passando as mãos pelas pernas.

— De nada — retorque. Quando a Izzy me diz isto, traduz-se por «Vai para o inferno, parvalhão». Se ela estivesse a falar com qualquer outra pessoa, seria, sem dúvida, inteiramente sincera. Mas, quando se

trata de mim, não importa o que a Izzy diga, o subtexto é essencialmente sempre *Vai à merda, cuzão*¹.

Ninguém, exceto eu, parece reparar nisso. Toda a gente acha que a Izzy é «simpática», «divertida» e «querida». Até o Arjun a trata como uma princesa, e o Arjun trata os nossos clientes da mesma forma que um músico famoso trata os seus fãs — com uma espécie de desprezo carinhoso. Mas ele não tinha a Izzy a gritar-lhe «Não és suficientemente bom para ela, seu homem-robô insensível e de sapatos brilhantes!» nos jardins do hotel no Natal passado.

Porém, a Izzy parece ter acabado de me salvar a vida, por isso tento ser educado.

— Estou muito grato — declaro. — E peço desculpa por não me ter atirado primeiro para cima de ti. Parti do princípio de que eras capaz de tomar conta de ti própria.

Isto não corre bem. Ela olha-me de soslaio. A Izzy tem uma grande variedade de olhares. Tem uns grandes olhos verdes, pestanas muito compridas e desenha sempre pequenos traços pretos nos cantos das pálpebras. Quando penso na Izzy, o que é tão raro quanto possível, vejo aqueles olhos estreitarem-se para mim. Felinos e brilhantes.

— Eu *sei* tomar conta de mim — diz ela.

— Sim — respondo. — Eu sei. Foi por isso que não te salvei.

— Olá? — chama alguém lá de cima.

— Merda — murmura a Izzy, esticando o pescoço para olhar para o buraco no teto. — Sra. Muller?

Apesar de todos os seus defeitos, a Izzy tem uma memória excepcional para os nossos hóspedes. Se já tiverem ficado connosco uma vez, a Izzy saberá o nome do vosso filho, o vosso pedido de pequeno-almoço e o vosso signo. No entanto, até eu me lembro da Sra. Muller: ela vem cá muitas vezes e está sempre a perturbar a equipa de limpeza, espalhando salpicos de tinta por todo o lado enquanto trabalha na sua arte. Está na casa dos 70 anos, é meio alemã, meio jamaicana, com um sotaque que considero frustrantemente desafiante, e uma tendência para

¹ Em português no original. [N. T.]

dar gorjetas ao pessoal do hotel como se estivéssemos na América, o que não me incomoda nada.

— Chama os bombeiros — sibila-me a Izzy, antes de voltar a dar atenção à Sra. Muller. — Sra. Muller, por favor, tenha muito cuidado! Houve um... ligeiro... hum...

— Acidente — sugiro.

— Problema — corrige a Izzy. — Houve um ligeiro problema com o chão! Mas já estamos a tratar disso.

Ambos tentamos espreitar pelo buraco. Temos de fazer alguma coisa antes que qualquer um dos outros cinquenta hóspedes que estão atualmente no Forest Manor saia do quarto e se arrisque a cair de uma altura de um ou dois andares.

— Sra. Muller, por favor, afaste-se! — peço e desço os degraus para o átrio; é tão perigoso para nós como para ela. — Também devias afastar-te — digo à Izzy por cima do ombro.

Ela ignora-me. Bem, eu tentei. Olho para os estragos na escadaria e pego no telemóvel para marcar o 190, mas depois lembro-me de que no Reino Unido não é esse o número de emergência, é...

— É o 999 — diz a Izzy.

— Eu sei disso — respondo. — Já estou a ligar.

Uma chuva de gesso cai em cascata do buraco, cobrindo a Izzy de pó. Ela gagueja, e o seu longo cabelo castanho e cor-de-rosa está agora coberto de poeira branca.

— Uau — diz uma voz excitada vinda de trás de mim. Viro-me para ver a Ruby Hedgers, a menina de 6 anos, à porta do Sweet Pea. — Está a nevar?

— Não — replico. — São apenas danos estruturais. Olá, sim, bombeiros, por favor...

O hotel está cheio de bombeiros. A Izzy não está a ser nada profissional ao namorar com um dos rapazes mais bonitos. Estou de muito mau humor.

Tem sido uma manhã stressante. É compreensível que os hóspedes estejam um pouco perturbados com tudo isto. Alguns deles não gostaram muito de ter de sair pelas janelas e descer escadas de segurança. Um dos bombeiros disse-nos que os danos ao teto e à escadaria «não têm solução rápida» e afirmou que «isto vai dar muito trabalho» e, caso não fosse suficientemente claro, esfregou o indicador e o polegar, um gesto que tem o mesmo significado tanto no Brasil como aqui: dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Esta é a raiz de todos os nossos problemas no Forest Manor Hotel & Spa. Segundo sei, o hotel estava a prosperar antes da pandemia, mas o negócio sofreu muito durante o confinamento devido à covid, que coincidiu com a necessidade de substituir todo o telhado. Agora estamos a vacilar, incapazes de dar ao hotel a renovação de que necessita. Quando comecei a trabalhar aqui, há dois anos, o Forest Manor já tinha um aspeto cansado. Entretanto perdeu ainda mais do seu luxo, o que, por sua vez, significa que os preços tiveram de baixar, mesmo no nosso premiado restaurante.

Mas a essência deste sítio continua a mesma. Acredito sinceramente que não há nenhum hotel em Inglaterra tão especial como este. Soube-o no momento em que entrei pela primeira vez no átrio e vi os hóspedes a ler o jornal nos sofás, com os seus chinelos de hotel, a olhar para as crianças que brincavam nos relvados. Era o retrato do conforto. Aqui, damos muito valor aos nossos hóspedes — a partir do momento em que lhes entrego a chave, passam a fazer parte da nossa família.

— Lucas, certo? — diz uma voz atrás de mim, com uma mão a bater-me no ombro.

Controlo-me, pousando o meu precioso terceiro café do dia na mesa da receção. Claro que nem sempre gostamos de *todos* os membros da nossa família.

O Louis Keele está hospedado na Wood Aster, uma das *suites* do piso inferior, e assim ficará durante os próximos dois meses, enquanto estiver na área em trabalho. É o nosso quarto mais requintado, e o Louis gosta das coisas mais requintadas. «As pessoas já não apreciam a

qualidade», disse ele a um colega no outro dia, quando passavam pelo átrio. Imagino que seja muito mais fácil «apreciar» a qualidade quando o nosso pai ganhou vários milhões de libras no mercado imobiliário nos anos 90, mas quem sou eu para saber disso.

— Sim, Sr. Keele. O hotel está a ser evacuado — respondo.

Ele sabe disso, obviamente. Há bombeiros por todo o lado e há um cordão de isolamento na porta por onde o Louis acabou de se esgueirar. Além disso, uma grande parte do teto está na escadaria.

— Lamento muito, mas vai ter de desocupar o quarto por um curto período de tempo enquanto tratamos de tudo isto.

Ele está a olhar para «tudo isto» com interesse. Eu cerro os punhos. O Louis põe-me nervoso. Há algo esfaimado por baixo do seu sorriso fácil — algo calculista. Ele esteve cá no Natal passado e, mesmo nessa altura, perguntou à Sra. SB se ela consideraria vender o hotel à empresa do pai dele — ou, como ele lhe chama, «a empresa da família Keele». Ela riu-se e disse-lhe que não, mas agora a situação é muito diferente. Já estávamos com graves problemas financeiros *antes* de o teto desabar.

O Louis assobia lentamente, metendo as mãos nos bolsos das calças.

— Este tipo de estragos, com as grandes obras que são necessárias aqui... — Faz uma careta de simpatia. — Desculpe a linguagem grosseira, mas vocês estão mesmo na merda, não estão?

— Louis! — chama a Izzy, aparecendo da sala de jantar e lançando-me um olhar de aviso que sugere que a minha expressão não é tão complacente como deveria ser. — Deixe-me levá-lo lá para fora. Estamos a fazer um piquenique de inverno improvisado debaixo da pérgula, ou do gazebo, ou do pagode; na verdade, nunca soube qual é a diferença entre eles, mas percebe o que eu quero dizer.

Ela tem a mão no braço dele. Para uma britânica, a Izzy é uma pessoa que gosta muito de toque... é assim com toda a gente, exceto comigo.

— A Sra. SB chamou — diz-me a Izzy por cima do ombro enquanto leva o Louis dali. — Alguém tem de telefonar à noiva, já histérica, cujo casamento acabou de ser cancelado. Eu disse-lhe quão apaixonado tu

estavas pela organização da cerimónia de amanhã e que serias a pessoa ideal para fazer a noiva sentir-se ouvida.

Eu cerro os dentes. A Izzy sabe que não gosto de conversas emotivas. O meu único consolo é que já prometi ao Barty que a Izzy o ajudaria a preencher um documento de seguro de quarenta e quatro páginas que ele certamente descarregou no formato errado. Vai ser pura tortura para ela.

— E ela quer ver-nos aos dois no escritório às cinco — acrescenta a Izzy.

Só quando a porta da frente se fecha atrás da Izzy e do Louis é que me apercebo do que isto pode significar.

Mesmo que seja seguro usar o andar de baixo do hotel, isso deixa-nos com cinco quartos em vez de vinte e cinco. São cinco dos quartos mais caros, o que já é alguma coisa, mas, mesmo assim, é uma fração do que normalmente faturamos durante os meses de inverno, e não requer exatamente uma equipa completa na receção. Numa semana normal, eu e a Izzy partilhamos a secretária com uma das rececionistas da agência que a Sra. SB contratou e aguentamos o nosso único dia de sobreposição (segunda-feira, o dia mais sombrio de todos). A Mandy fica com a maior parte dos turnos noturnos quando basta uma pessoa na receção.

Se eu fosse a Sra. SB, estaria a tentar cortar um membro do pessoal da receção. Dado ser uma coisa de última hora, ela terá provavelmente de pagar às rececionistas da agência, mesmo que elas não venham, e a Mandy é uma velha amiga da família do Barty.

O que significa que só sobramos... eu e a Izzy.

Izzy

São cinco horas. Tenho o meu discurso pronto. Recebi *feedback* útil do Arjun, que disse que eu me estava a concentrar demasiado no facto de ser melhor no meu trabalho do que o Lucas, o que faz parecer que não trabalho bem em equipa. Discordo, obviamente — se há alguém que não trabalha bem em equipa, é o Lucas. Está sempre a chatear a equipa de limpeza e, uma vez, fez o Ollie chorar quando a máquina de lavar louça se avariou. Mas talvez não precise do *slide* sobre como o meu livro de reservas é melhor do que o sistema de reservas online dele em todos os aspetos.

Agora que estamos os dois lado a lado à porta da Opal Cottage — a antiga casa da portaria onde vivem os Singh-Bartholomews —, dou por mim a sentir um bocadinho de pena do Lucas. Ele parece tão ansioso como eu. Está um dia muito frio e a relva ainda está molhada do granizo desta manhã, mas ele arregaçou as mangas da camisa e continua a puxar o colarinho como se estivesse com muito calor. Ele chama a minha atenção e eu estou a pensar sorrir-lhe quando ele diz:

— Já agora, reorganizei a tua caixa.

A minha vontade de sorrir evapora-se.

— A minha caixa de objetos?

A expressão do Lucas passa de «tenso e implacável» para um subtil «estou farto dos teus disparates».

— A caixa que guardas debaixo da nossa secretária, cheia dos teus pertences, sim.

— Não podes mexer na minha caixa de objetos! Está lá há oito anos!

— Isso era óbvio pelo conteúdo — replica ele. — Foi fácil condensá-la num recipiente mais pequeno e mais sensato quando tirei todos os pacotes de rebuçados fora de prazo.

— Os rebuçados nunca se estragam! Diz-me que *não* deitaste nada fora.

Ele olha-me de frente.

— Dou pontapés nessa caixa pelo menos duas vezes por dia. Já te pedi várias vezes para a mudares de sítio. Racionalizar o conteúdo pareceu-me um compromisso. Não estás sempre a dizer-me para fazer cedências?

— Desculpa? Andaste a dar pontapés à minha caixa? Há coisas frágeis lá dentro, sabias? — Bem, a minha caneca de *Teen Wolf*. Isso é *muito* precioso.

A Sra. SB abre a porta e nós ficamos em sentido. É óbvio que o dia dela foi muito mais stressante do que o meu — e o meu foi um caos sem fim. Ela está a usar um casaco de malha, mas só tem uma manga vestida. A outra está pendurada nas suas costas como uma cauda cor-de-rosa brilhante. Tem um telemóvel preso entre o ombro e a bochecha, e a sua sombra de olhos, habitualmente extravagante, é de um tom de cinzento sinistramente aborrecido. Faz-nos sinal para entrar, com o braço do casaco de malha a abanar, e diz para o telefone:

— Absolutamente, sim, não há problema nenhum. — E faz uma careta.

Bate com as mãos nas poltronas do *hall* de entrada, onde parece ter-se aninhado, a julgar pela tigela de massa meio comida, o cobertor com capuz enrolado no braço de uma cadeira e a papelada de aspeto importante espalhada por todo o lado. Da cozinha, o Barty acena-nos sem olhar para cima — está literalmente atolado em dossiês, com os óculos equilibrados na ponta do seu longo e aristocrático nariz.

O Lucas senta-se com cuidado, como se todo aquele caos fosse contagioso. Instalo-me com a minha bolsa do portátil colada ao peito, tentando lembrar-me das minhas frases de abertura. «Nos últimos oito anos no Forest Manor, tornei-me um membro inestimável da equipa, coordenando tudo, desde casamentos em grande escala até...»

— Olá — diz a Sra. SB numa expiração depois de desligar o telemóvel. — Vocês os dois são um regalo para a vista. Aquilo ali ainda é uma cena de crime?

Ela acena com as mãos para a janela que dá para o hotel.

Eu e o Lucas trocamos um olhar rápido.

— Há muita coisa a acontecer — digo alegremente. — Mas as coisas acalmaram agora que o Barty arranjou alojamento temporário para toda a gente e vêm cá quatro construtores apresentar orçamentos...

— E eu contactei três engenheiros de estruturas — intervém o Lucas. — O trabalho é demasiado extenso para ser feito por um construtor normal.

Os olhos da Sra. SB arregalam-se ao ouvir «demasiado extenso». Eu fico calada. Às vezes, o Lucas marca os meus golos por mim.

Ele não conhece a Sra. SB tão bem como eu. Ela e o Barty abriram este hotel como recém-casados, há mais de quarenta anos — o edifício não é apenas o local onde trabalham, é o filho que nunca tiveram. Adoram cada centímetro deste lugar, desde os pitorescos quartos do sótão até à grande aldraba de latão. O Forest Manor foi feito para o luxo e o romance, para quartetos de cordas, danças lentas e jantares luxuosos à luz das velas. Detesto ver a Sra. SB debater-se com o facto de, depois de tudo aquilo por que passámos, não poderem dar-se ao luxo de impedir que este lugar mágico se desmorone.

— Vamos manter-nos abertos — diz a Sra. SB, com determinação. — As seguradoras disseram que o podemos fazer, desde que as obras sejam «suficientemente isoladas», por isso, estou a acrescentar «comprar barreiras de delimitação» à minha lista de tarefas. Depois de «pesquisar no Google o que são barreiras de delimitação». Tivemos de cancelar todos os casamentos de inverno, mas ainda temos cinco boas *suites* e a cozinha está intacta, diga o Arjun o que disser.

O Arjun está muito preocupado com o pó de gesso. Esta tarde, não dei muita importância a isso, mas é preciso lidar com o ego do Arjun com muito cuidado. Mais tarde, enviarei alguém para limpar o pó à volta do forno e dir-lhe-ei que está tudo resolvido.

— Mas fechar os vinte quartos do andar de cima... e ter construtores e... «engenheiros de estruturas» por todo o lado... — Ela esfrega a testa, empurrando os óculos para cima da cabeça. — Os Hedgers vão ficar?

Anuo com a cabeça.

— O seguro da casa deles está a cobrir a estadia... têm a casa inundada — respondo. — Não têm mais nenhum sítio para onde ir, para ser sincera.

— Ótimo — diz a Sra. SB e depois estremece. — Desculpa. Tu percebes o que quero dizer. E temos a Sra. Muller, que fica cá até janeiro. Acho que temos de dar prioridade aos hóspedes de longa duração. O casal de Nova Orleães cancelou a estadia e foi para o The Pig, por isso podemos fazer o *upgrade* da Sra. Muller para o quarto deles. O Louis Keele deixou claro que quer ficar por cá...

Olho para o Lucas, curiosa. Ele emitiu um pequeno som quando a Sra. SB mencionou o Louis. Um som familiar, de nojo, que geralmente acontece depois de eu dizer alguma coisa, na verdade.

— Quem mais está aqui numa estadia prolongada? — pergunta a Sra. SB.

— O Sr. Townsend e os Jacobs — respondemos os dois ao mesmo tempo.

— Os Jacobs são um jovem casal belga com um bebé de cinco meses — afirmo. — Adoram tudo o que é britânico, gostam de *bacon* bem passado e são obcecados por *Fawlty Towers*.

Todos nós conhecemos o Sr. Townsend, logo, não me dou ao trabalho de partilhar os meus factos sobre ele. Ele fica aqui todos os invernos, pelo menos durante três meses, e, hoje em dia, eu e ele até trocamos alguns e-mails durante o tempo em que ele está fora do hotel — tornou-se um amigo, como acontece com muitos hóspedes que regressam. Sei que o Barty e a Sra. SB sentem o mesmo.

— Bem, gostar de *Fawlty Towers* é um bom sinal — diz a Sra. SB com uma careta. — Certo. E eles estão...

— Com vontade de ficar — respondo prontamente. — Já verifiquei.

— Ótimo. Muito bem, Izzy. Quanto aos restantes... — replica a Sra. SB, olhando para o portátil aberto sobre os joelhos. — Eu trato deles. De alguma forma.

Olha para nós com um sorriso angustiado. A Sra. SB é a patroa mais simpática do mundo e não suporta desiludir ninguém, por isso, se ela está chateada, quase de certeza que isso significa coisas más para nós.

— Agora... Vamos a vocês os dois — declara.

Oh, meu Deus.

— Tenho de ser honesta convosco. A partir do novo ano, não posso garantir nada. Podemos muito bem... — Engole em seco. — Estamos sem dinheiro, francamente. Estas próximas semanas ou vão ser um sucesso ou um fracasso. Mas eu sei como é importante para cada um de vós trabalhar no hotel este inverno.

Sinto, em vez de ver, o Lucas crisar-se com isso. Pela primeira vez, pergunto-me exatamente porque é que o Lucas está a trabalhar durante todo o mês de novembro e dezembro em vez de ir ver a família ao Brasil, como fez no ano passado. Depois, paro imediatamente de pensar nisso, porque qualquer pensamento que envolva o Natal passado e o Lucas é estritamente proibido por ordem da minha amiga Jem.

— Com apenas cinco quartos a serem utilizados... não consigo justificar a contratação de ambos para trabalharem na receção ao lado de uma funcionária da agência.

E pronto. Mexo na alça da minha mala e sinto a voz a secar-me na garganta. O que é que eu queria dizer? Algo sobre ser inestimável? Trabalho no hotel há oito anos? A gaveta do material de escritório é muito melhor quando estou cá?

— Sra. SB — diz o Lucas —, compreendo a sua dificuldade. Posso recordar-lhe o excelente sistema de reservas digitais que introduzi quando...

— Notas pessoais! — grito. Os dois viram-se para olhar para mim. — A ideia de ter notas pessoais de boas-vindas nos quartos foi minha, e muitas das nossas boas críticas as mencionam.

— Falam da tua péssima caligrafia — retorque o Lucas.

Eu coro. As pessoas são tão más na Internet.

— Eu sou extremamente poupado — diz o Lucas à Sra. SB, que parece cada vez mais cansada. — Quando precisamos de papel novo para a impressora, encomendo sempre...

— O papel mais caro.

— O papel de qualidade que requer menos tinta — continua o Lucas. — Ao contrário da Izzy, penso cuidadosamente nas implicações dos custos.

— Ao contrário da Izzy? Desculpa? Quem é que se estava a queixar do meu orçamento para as luzes esta manhã? Se fosse à tua maneira, faríamos tudo neste hotel em ouro maciço.

— Isso é ridículo — replica ele, sem se dar ao trabalho de olhar para mim. — A minha solução não são luzes de ouro maciço, claro. A minha solução é não ter luzes.

— E a seguir? — digo, subindo o tom de voz. — Não ter sofás? Não ter camas?

— Parem, por favor — diz a Sra. SB, levantando as mãos em rendição. — Não precisam de discutir. Vou manter-vos aos dois até ao Ano Novo. O diretor da agência teve a amabilidade de nos libertar do contrato, dadas as circunstâncias, e apenas fornecerá uma equipa para a receção às terças e quartas-feiras, se vocês estiverem dispostos a trabalhar cinco dias.

— Sim — respondemos os dois, tão alto que a Sra. SB se assusta um pouco.

Normalmente, o nosso quinto dia é um turno dividido, por isso um de nós faz a noite, para a Mandy ter a sua noite de folga. Eu não vou ter saudades, no entanto — os turnos da noite são menos divertidos. Todas as crianças do hotel foram para a cama, para começar.

— Ótimo. Obrigada aos dois. Preciso de uma equipa responsável e experiente... Sei que posso contar convosco e a com Mandy para qualquer coisa. Sei que vão trabalhar onde for necessário. Vou dispensar metade da equipa de empregados de mesa e ainda mais da equipa de limpeza, e o Arjun terá de se aguentar apenas com o Ollie na cozinha.

— Vai deixá-lo apenas com o ajudante de cozinha? — pergunto, incapaz de me conter. O Arjun não vai aceitar isso bem.

— Talento em bruto — responde a Sra. SB bruscamente. — Ele poderá moldar o rapaz à sua imagem. Agora... — Ela funga, estendendo as mãos. Pego numa primeiro; o Lucas hesita antes de segurar na outra. — Chega de falar de negócios — declara. — Quero recordar-vos de que somos uma família aqui. Aconteça o que acontecer, isso não mudará. Se o Forest Manor tiver de fechar, farei o que puder para vos ajudar. *Tudo* o que puder. Por favor, saibam que vocês sempre serão muito queridos para mim.

Estou em lágrimas. A Sra. SB sabe bem quão difícil é para mim ter uma conversa como esta e aperta a minha mão com força. Por segundos, imaginei-me mesmo a fazer isso: a beber o meu último chocolate quente com o Arjun, a colocar a minha caixa de objetos no carro, a despedir-me do Barty e da Sra. SB, as pessoas que me fizeram sentir em casa quando isso importava mais do que qualquer coisa.

— Absolutamente — respondo. A minha voz é um pouco estridente. — E eu estou aqui para si pelo tempo que me puder ter aqui. Diga o que quer que eu faça, e eu faço-o.

O Lucas anui com a cabeça uma vez.

— O que precisar.

— Maravilhoso. Bem — a Sra. SB esboça um ligeiro sorriso cansado e larga as nossas mãos —, vamos vender o máximo que pudermos. Esse é o primeiro passo.

Eu arregalo os olhos.

— E o Barty...

— Está muito chateado — diz ela, baixando a voz e olhando para a cozinha. — Mas se não conseguirmos angariar fundos suficientes, vamos perder o hotel. Por isso, algumas daquelas velhas peças Bartholomew têm de ir. Podem encarregar-se da sala dos perdidos e achados?

— Encarregar no sentido de *vender* tudo? — pergunto. A sala dos perdidos e achados começou por ser uma caixa de perdidos e achados, mas, ao longo dos anos, cresceu, e agora tem centenas, se não

milhares, de artigos. Não somos muito bons a deitar coisas fora aqui no Forest Manor. — Podemos fazer isso?

— Já pesquisei sobre isso e a lei é um pouco vaga, mas acho que, desde que tenhamos tentado devolver os artigos, o que fazemos sempre quando algo novo vai lá parar, e passada uma quantidade razoável de tempo, passa a ser propriedade nossa. E se é nosso... não vejo porque é que não podemos ganhar algum dinheiro com isso. Aquilo está uma pequena confusão, mas nunca se sabe, pode haver lá alguns tesouros escondidos. Posso contar convosco para venderem tudo? Tenho a certeza de que a Pobre Mandy vai ajudar.

— Claro — responde o Lucas. — Com todo o prazer.

A minha sobrancelha treme. O Lucas odeia a sala dos perdidos e achados. Chama-lhe «a lixeira».

A Sra. SB recosta-se com um longo suspiro e depois percebe que só tem metade do casaco vestida e diz:

— Oh, que chatice. Que dia. Vou precisar que vocês se esforcem a sério agora. Espero que tenham percebido que isto significa que vão trabalhar juntos em turnos cinco dias por semana. — Ela empurra os óculos para a cana do nariz e adota a sua expressão mais severa. — Acham que conseguem fazer isso?

Nenhum de nós faz contacto visual com o outro.

— Claro — respondo alegremente.

— Sim — responde o Lucas. — Sim, eu posso trabalhar com a Izzy. Não há qualquer problema.

No dia seguinte, percebo o que a Sra. SB queria dizer com «poder contar connosco para qualquer coisa». Estamos na cozinha: de repente, sou *sous-chef* e o Lucas acaba de ser contratado para servir às mesas ao almoço. Há um aviso dourado na receção que diz, na letra cursiva do Barty: «Por favor, toque para pedir assistência e estaremos consigo num instante!» Suspeito que esse bilhete estará muitas vezes em cima da secretária nas próximas semanas.

— Não vai servir — diz o Lucas, a voz abafada por dentro do polo que está a tentar vestir. O problema é que o Lucas é enorme, e os uniformes dos empregados de mesa não são pensados para pessoas mais altas do que todas as outras e que têm aqueles estranhos músculos extra a unir o pescoço aos ombros.

O Arjun lança-me um olhar divertido por cima da panela que está a mexer. Ficar com um ar divertido enquanto se mexe lentamente uma panela faz-nos parecer um pouco uma bruxa, por isso tento manter o rosto inexpressivo no outro bico do fogão. O Arjun está a fazer o seu *dal* negro, que deve ser preparado de maneira extremamente precisa. Já gritou comigo cinco vezes e pediu desculpas sete.

O Arjun é um amor, mas *age* como um dragão. Se o Forest Manor é a minha família, o Arjun é o meu arrogante irmão mais velho. Ele acha sempre que tem razão e, irritantemente, tem mesmo — foi a primeira pessoa a dizer-me que a Drew não era uma boa amiga para mim. Mas ele é mais delicado do que parece. Todos os anos, faz-me uma fornada especial de *brownies* no aniversário do meu pai, porque uma vez eu disse-lhe que o meu pai adorava *brownies*, e, se perceber que estou a ter um dia difícil, põe sempre uma colher de açúcar no meu chá.

— Estás quase lá — diz ao Lucas. Isto está claramente a animar o Arjun, o que é bom, porque ele está de péssimo humor desde que a Sra. SB lhe contou sobre os cortes no pessoal da cozinha. — Basta puxar um pouco mais — continua.

— Isto... não vai... — A cabeça do Lucas aparece. Ele observa as nossas expressões e o seu rosto escurece. — Estás a rir-te de mim.

— Nunca — respondo. — Arjun, já é altura de juntar as natas?

— Não! Meu Deus! Não! *Não* adiciones as natas ainda, sob pena de *morte*!

— Certo — replico alegremente. — Não é altura das natas. Percebi. Lucas, vais usar isso como cachecol ou...

O Lucas olha para o polo pendurado no pescoço. Está a usar uma t-shirt por baixo, o que não ajuda o polo a servir como deve ser e esconde relativamente mal os músculos que lhe compõem o torso. Viro-me e

começo a colocar os restos de legumes na caixa de compostagem. Ninguém precisa de ver todos aqueles abdominais.

— Não temos mais polos?

— Não — respondo, apesar de não ter verificado.

O Lucas lança-me um olhar que sugere que suspeita disso. Com um suspiro cansado, ele começa a árdua tarefa de tentar enfiar um braço na manga no momento em que o Louis Keele atravessa as portas duplas, casualmente, como se fosse normal os hóspedes aparecerem na cozinha o tempo todo.

— Uau — comenta. — Cheira muito bem aqui. Isso não é demasiado pequeno para si, Lucas?

A irritação do Lucas irradia dele como o calor dos bicos do fogão. Eu forço um sorriso. O Louis acha que pode fazer o que quer, mas não me incomoda particularmente — é um hóspede, e, para mim, se ele gosta de entrar nos bastidores, que mal é que tem? Além disso... é giro.

— Não devia estar aqui — afirma o Lucas. — O tom de voz dele roça o indelicado. O Lucas nunca tem um comportamento alegre e prestativo. Vejo-o perceber que foi inadequadamente brusco e procurar algo positivo para dizer. — E que tal ir dar um mergulho ao *spa*, Sr. Keele, se estiver em busca de entretenimento? — sugere ele enquanto finalmente puxa o polo sobre o tronco. Este para logo abaixo do umbigo, deixando uns bons sete centímetros de t-shirt preta aparecerem na parte inferior.

O Louis lança-me um sorriso conspiratório. Ele é um daqueles tipos bonitos que conseguem realmente piscar o olho: um pouco *EastEnders*, um pouco atrevido. Tem o cabelo castanho-claro penteado para trás e dentes muito brancos. Geralmente, usa fato, sem casaco ou gravata. A nossa *vibe* sempre foi um pouco sedutora, o que o Lucas claramente considera *muito* pouco profissional da minha parte. Isso pode ou não ser um incentivo para retribuir o sorriso ao Louis.

— Vou nadar, se me quiser acompanhar — diz-me e, de seguida, olha para o Arjun. — Ela deve ter uma folga em breve, com certeza...

— Nada de folgas — respondo. — O Arjun obriga-me a mexer a panela a cada dois minutos e quarenta segundos.

— Esta é a receita que o crítico gastronómico do *Observer* disse que trouxe sabores inovadores a um canto sonolento da floresta, certo? — indaga o Louis, olhando por cima do ombro do Arjun. — O seu *dal* negro?

O Arjun endireita-se ligeiramente.

— Sim, de facto.

— Fantástico, uau — exclama o Louis, dando-lhe uma palmadinha no ombro. — Tem um cheiro fantástico. É incrível o que consegue fazer neste espaço.

— Alguém tem *alguma coisa* que eu possa levar para a mesa cinco? — pergunta o Ollie, entrando de rompante pelas portas do restaurante.

Como único membro permanente que resta da equipa do Arjun, deveria ser o Ollie a mexer este *dal*, mas tive pena dele e deixei-o ocupar o cargo de empregado de mesa. O Arjun já parecia prestes a começar a cuspir fogo, e o Ollie — Deus o abençoe — iria decididamente levá-lo ao limite.

— Pão? Azeitonas? Veneno? — continua o Ollie. — O tipo disse que não tem culpa que vocês, idiotas, tenham deixado o teto cair e não percebe porque é que isso está a atrasar o almoço dele, e eu disse que, geralmente, não servimos almoço antes do meio-dia, mas ele disse que isto devia ser um hotel boutique de luxo e ele deveria poder almoçar à hora que... Meu Deus, Lucas, o que é que tens vestido? Pareces um idiota! Ah — acrescenta, ficando escarlate. — Desculpe, senhor, eu não sabia que havia um hóspede...

— Estou de saída — diz o Louis, com outro sorriso fácil. — Izzy... o convite para o mergulho continua de pé.

— Claro, estou ansiosa! — respondo, sorrindo de volta e verificando o relógio. — Hora de mexer, Arjun?

— Ainda não estás a mexer? — diz ele, horrorizado, enquanto o Ollie desaparece no restaurante com uma cesta de pães e o Louis sai pela outra porta.

*

Depois do caos de ontem, hoje está tudo assustadoramente tranquilo.

É realmente possível sentir-se o silêncio de todos aqueles quartos vazios. Colocámos toda a gente junto a uma janela saliente para o pequeno-almoço, com vista para os relvados e o bosque, mas está tudo calmo demais para o meu gosto. O Sr. Townsend continua debruçado sobre o seu exemplar do *The Times*, o Louis e a Sra. Muller não vêm tomar o pequeno-almoço e os Jacobs estão exaustos, com o bebé finalmente a dormir no carrinho ao lado da mesa. São os Hedgers que trazem toda a energia, mas há um limite para o que três crianças com menos de 10 anos podem fazer para alegrar o ambiente. Quando regresso ao átrio, prometo pensar em algo para amanhã. Música ambiente, talvez? Ou parecerá muito corporativo?

— Oh, Sra. Hedgers! — chamo quando ela entra de cadeira de rodas com um monte de sacos de compras no colo. — Deixe-me ajudá-la com isso.

Ela afasta-me com um gesto, olhando para a minha última inovação: o presépio feito de destroços no patamar da escada.

— Aquilo é... original — comenta.

Sinto-me corar.

— Imaginei que, mesmo que o teto tenha desabado, podemos aproveitar ao máximo o espaço até os construtores virem, não?

— Sim. Sim, estou a ver — responde a Sra. Hedgers.

Construí um presépio nos escombros do teto caído. O Menino Jesus está deitado num berço entre dois pedaços de gesso, espalhei neve artificial pela cena e até limpei o pó dos ombros dos Reis Magos (três estátuas antigas de membros anteriores da família Bartholomew, encontradas nos jardins). O meu elemento favorito é a ovelha, que criei com um velho banquinho branco e muitas bolas de algodão. Eu sei que é um pouco foleiro e exagerado, mas acho que é alegre — e, neste momento, o hotel precisa desesperadamente de um pouco de alegria.

— É uma jovem muito criativa — diz a Sra. Hedgers, virando o seu olhar firme na minha direção.

Para alguém com filhos tão enérgicos, a Sra. Hedgers é surpreendentemente calma. Usa o cabelo castanho-escuro apanhado num puxo, suave e bem-arranjado, e nunca há uma partícula de lama nas rodas da cadeira dela quando sai pela porta. Nas suas notas de *check-in*, listou a sua profissão como «*coach* de vida e mudança de carreira», e é provavelmente por isso que parece ser tão impressionantemente *equilibrada*. Acho que não se pode dizer a outras pessoas como viver as suas vidas se a nossa for uma confusão.

— Oh, obrigada!

— É difícil estar ligada o tempo todo? — pergunta ela, inclinando a cabeça.

— Desculpe?

A Sra. Hedgers sorri ligeiramente.

— As pessoas criativas tendem a precisar de um tempo de inatividade. — Olha para o presépio. — Gosta de acrescentar um pouco de brilho ao dia de toda a gente, certo?

— Na verdade, é por isso que adoro trabalhar em hotelaria — digo, torcendo os dedos. A Sra. Hedgers está a deixar-me nervosa. Tem uma energia de diretora escolar, como se a qualquer momento fosse dizer-me que não posso usar madeixas na escola. — Sou uma pessoa bastante sociável.

— E como é que desliga?

— Hum... Saio com amigos?

— Hum-hum — diz a Sra. Hedgers.

— Às vezes, faço yoga — dou por mim a dizer. Acho que fiz yoga pela última vez no primeiro confinamento, quando todos estavam entusiasmados com a ideia de fazer exercício na sala de estar; como se as regras do confinamento fossem a razão pela qual não estávamos todos a dirigir-nos à pressa para a floresta para corridas de vinte e quatro quilómetros todas as manhãs.

A Sra. Hedgers espera. Não consigo pensar em nenhuma outra atividade para os tempos livres, exceto «ver televisão», o que parece algo

que a Ruby Hedgers diria em resposta a essa pergunta, por isso fico gradualmente mais corada e espero em silêncio.

— Bem — diz a Sra. Hedgers, com as mãos de novo na cadeira de rodas. — Talvez deva pensar nisso. É muito importante nutrirmo-nos para que possamos continuar a nutrir aqueles que nos rodeiam.

— Certo! Concordo. Oh, desculpe! — digo, saltando para fora do caminho dela. — Na verdade, já que está aqui, queria perguntar-lhe... Vamos precisar de um cartão para os custos que a sua seguradora não cobre na vossa estadia. Será...

— Eles cobrem tudo — responde ela, e o seu sorriso é gélido. — Mande-lhes a conta.

— Ah, está bem — digo enquanto a Sra. Hedgers abre a porta da sua *suite* e entra.

Quando a porta se fecha atrás dela, fito-a por instantes. Nada naquela conversa deveria ter-me deixado especialmente desconfortável, mas estou totalmente desconcertada. Talvez seja porque ela não gostou muito do meu presépio. Será por isso? *Algo* mexeu comigo e agora sinto que cometi um erro, mas não consigo descobrir que tipo de erro foi.

Pego no telemóvel e mando uma mensagem à Jem. Ela está nos Estados Unidos, mas faço algumas contas rápidas e decido que, embora nunca consiga lembrar-me se estão cinco horas adiantados ou cinco horas atrasados, contanto que sejam cinco *qualquer coisa*, não vou acordá-la a meio da noite.

Isto é ridículo?, pergunto, anexando uma fotografia do presépio.

Hum, não?!, responde ela de imediato. **Na verdade, é a melhor coisa que já vi!**

Sorrio para o telemóvel enquanto ela me enche de estrelas e *emojis* de árvores de Natal. Não há ninguém no mundo com um coração tão puro como a Jem Young.

Porquê a dúvida?, pergunta ela. **Estás bem, pombinha?**

Ah, desculpa, estou bem! Apenas a <ter um momento tonto>, como diria a tua mãe. Talvez esteja na hora de uma dose de açúcar...

Está sempre na hora de uma dose de açúcar. E, por favor, não cites a minha mãe a esta hora!!

Mas a Sra. Young tem tantas frases excelentes! E aquela vez em que ela me disse que eu era um grande fracasso e estava a arruinar a sua filha?

Ou quando ela me disse que eu era «essencialmente uma decepção»?

Levo a mão ao coração. Brincamos sobre esses momentos agora, mas sei o quanto eles magoaram a Jem. Mesmo que hoje em dia ela tenha «essencialmente» literalmente tatuado no rabo.

Tu nunca me dececionaste, nem mesmo quando decidiste preferir o Jacob ao Edward, digito, com uma fila de corações.

Ela responde: **Adoro-te. Vou ter ensaios, tenho de ir. Tenho muitas saudades tuas. Beijos.**

Eu digito um sincero **Eu tenho ainda mais saudades** antes de enfiar o telemóvel de novo no bolso. O inverno é a altura em que me lembro mais da Jem — a ausência dela tem-me deixado um pouco instável. Nós só passamos o Natal juntas ano sim, ano não — alterno entre a Jem e o Grigg e a Sameera —, mas mesmo que eu não esteja com ela no dia de Natal, sempre passámos do mês de setembro em diante a enviar novas músicas de Natal fantasticamente más uma à outra e a encontramo-nos para tomar vinho quente depois do trabalho.

Contudo, desta vez, ela está tão ocupada que incomodá-la com o novo álbum festivo de uma banda fracassada dos anos 90 parece meio estúpido. A Jem sempre quis ser artista — o teatro musical é o sonho dela — e, este ano, foi finalmente chamada para uma vaga num novo musical americano. É o papel perfeito para ela, depois de anos a trabalhar no duro em empregos em *part-time*.

Só que isso também significa passar seis meses em Washington DC, onde os pais dela vivem. O que não podia ser *menos* perfeito. A Jem passou metade da infância a viver na minha rua, em Surrey, e a outra metade em Washington DC — a família dela mudou-se duas vezes. Quando os pais acabaram por se instalar definitivamente nos Estados Unidos, a Jem ficou cá. Bem perto de mim, bem longe deles.

«O destino», disse-me ela sombriamente enquanto bebíamos vinho barato no meu apartamento e lamentávamos o facto de o seu sonho se ter tornado realidade no local do seu pesadelo. «Ou *karma*. Ou qualquer coisa do género. Basicamente, o Universo decidiu que eu não posso escapar à minha mãe.»

Tiro um saco de *Candy Kittens* da prateleira por baixo do ecrã do meu computador e deixo que o açúcar me atinja enquanto folheio o livro de reservas. O meu telemóvel recebe uma notificação: é do Google, a lembrar-me de uma fotografia do ano passado. Estremeço. O Google está a esquecer-se de um contexto importante: é uma fotografia minha com a Drew, a minha antiga colega de casa, de quem não me quero lembrar, especialmente nesta altura do ano. Deslizo a notificação para longe e engulo mais alguns doces.

— Hora dos perdidos e achados — diz uma voz familiar atrás de mim.

Fecho o livro na secretária e preparo-me para uma interação com o Lucas. Quando me viro, vejo-o olhar para o livro de reservas com o seu habitual desdém. Uma das minhas atividades preferidas é obrigar o Lucas a dizer «o livro de reservas» o maior número de vezes possível durante um turno, porque ele detesta os meus nomes giros para as coisas. O truque é apanhá-lo quando está lá um hóspede para que ele não possa ser um idiota — ou pelo menos não em voz alta.

— É? — respondo em tom de desafio.

Olho para o relógio montado atrás da secretária. É outra relíquia da família Bartholomew. Tem de ser acertado todas as manhãs e, no final do turno da Pobre Mandy, está sempre dezanove minutos atrasado. Verificar a hora no relógio do átrio envolve uma combinação de matemática e adivinhação: é por volta do meio-dia, por isso o relógio já deve estar pelo menos cinco minutos atrasado, o que significa...

— É meio-dia em ponto — declara o Lucas, já a parecer exasperado comigo. — Não sei porque é que olhas para esse relógio. Não tens um?

Eu tenho um relógio. É verde-menta e fabulosamente volumoso, e lembro-me de o pôr talvez duas manhãs em cada dez. Hoje não foi uma delas.

— Não preciso de relógio — digo com doçura. — Tenho-te aqui para me gritares as horas.

Faço uma última vistoria ao átrio para verificar se está tudo em ordem e depois pego na chave da sala dos perdidos e achados. Fica precisamente atrás de nós — a porta é mesmo à direita do velho relógio Bartholomew —, mas há meses que não entro lá. Outrora, a sala dos perdidos e achados foi uma sala de pessoal, com uma máquina de café e duas poltronas confortáveis. Agora é só...

— Caos — diz o Lucas quando destranco a porta e entro no pequeno espaço disponível do outro lado.

Caixas e caixas de *coisas*. Um cavalo de baloiço. Uma coleção de chávenas de chá partidas, que costumavam ser usadas para os chás da tarde aqui. Um projetor antigo. Uma infinidade de guarda-chuvas.

Portanto, sim, é uma espécie de confusão. Mas também é uma espécie de tesouro. O meu coração anima-se quando olho para tudo isto. Se eu arranjasse aquele velho cavalo de baloiço, poderíamos de certeza vendê-lo por pelo menos oitenta libras. Consertar as chávenas de chá não vai demorar muito, e as pessoas vão ficar loucas por aquele padrão giro dos anos 50. Talvez consigamos angariar algum dinheiro a sério com tudo isto. A Sra. SB é um génio.

— Devíamos decidir como e onde queremos vender cada categoria de artigos — diz o Lucas, esfregando a boca enquanto examina o conteúdo da sala. — Vou fazer uma folha de cálculo.

Eu ignoro-o e começo a trabalhar. A primeira caixa tem a etiqueta «livros velhos» e a segunda diz «casacos deixados para trás em 2019».

Ouçó o Lucas murmurar qualquer coisa em português atrás de mim e opto por acreditar que é uma expressão de prazer e entusiasmo.

Eles não se suportam, mas, para salvarem o hotel em que trabalham, vão ter de unir esforços...

Em plena época alta, o Hotel Forest Manor está literalmente a cair aos pedaços e a precisar de uma solução urgente. Por isso, quando Izzy e Lucas são obrigados a partilhar os mesmos turnos na receção, não têm outra hipótese senão pôr de lado as suas diferenças e tentar fazer de tudo para ajudar.

Perante a incerteza que vivem, ambos reconhecem precisar de um milagre que dificilmente chegará. No entanto, quando Izzy devolve uma aliança perdida a um antigo hóspede e recebe uma recompensa substancial em troca, percebem que talvez exista uma solução. Ainda há quatro anéis nos perdidos e achados, e Izzy e Lucas entram numa competição para os devolver e tentar salvar o hotel — e, com ele, os seus empregos.

À medida que, com desgosto, vão trabalhando em conjunto, a rivalidade entre Izzy e Lucas começa a dar lugar a algo mais. Serão eles capazes de sobreviver à época festiva com os corações intactos?

Não perca, da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[@topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789895831616



9 789895 831616 >